

Copia N. 3

Camaradas! E' chegado o momento de marchardos em soccorro dos valentes Bahianos, que se esforçam por alcançar a liberdade offerta aos Brasileiros pelo melhor dos Príncipes.

Minhas forças abatidas pela idade não permitem que eu siga á vossa frente, para nos Campos da Honra firmamos a Independencia de nossa patria, ou morreremos com gloria.

Si o tempo roubou-me o que hoje mais precisava para combater os inimigos da nossa liberdade, quiz a Providencia Divina dar-me um filho, parte integrante do meu coração, que saberá imitar-me.

Vós o conheceis: é o vosso tenente Coronel, sobre quem recahiu a escolha do Governo para vos commandar.

Segui, Camaradas, na certeza de que tendes nello o vosso Coronel, o um amigo que vos conduzirá pela estrada da honra ao templo da Gloria.

Caothé, 3 de Abril de 1823.—José de Sá Bitencourt.

JOSÉ ELOY OTTONI

Na aula de latinidade dessa mesma afortunada Diamantina, que tinha de ser, mais tarde, o berço de *Aureliano Lessa*, na modesta aula do então Arraial do Tejuco, andava um dos filhos do austero honrado Manoel Vieira Ottoni, fundidor na Intendencia do ouro da Villa do Principe.

Era pelos fins do seculo passado.

O discipulo dentro em pouco se fez mestre, e o mestre da então Villa do Bom Successo (cidade de Minas Novas) em breve elevou-se á altura dos primeiros poetas da nossa terra.

Já se vê que fallamos do sabio traductor dos *Proverbios de Salomão* e da divina paraphrase do *Livro de Job*, esse ideal de um poema semítico, monumento que nos revela a inquietação e o embaraço, consequencias inevitaveis da imperfeição das ideas judaicas sobre os ultimos fins, como nos diz o illustre orientalista Ernesto Renan.

Depois de Fr. Francisco de S. Carlos, diz o illustrado Sr. Conego Dr. F. Pinheiro, occupa distincto lugar o Sr. José Eloy Ottoni, nascido na Villa do Principe, hoje cidade do Serro da provincia de Minas Geraes, no dia 1 de dezembro de 1764.

«A primeira phase de sua preciosa existencia, consagrou-a o exímio poeta mineiro a poesia profana; suas intimas relações com Bressani e Bocage, como que não lhe permittiam outra coisa.

O ardor da mocidade descambando sobre os montes da vida, e a fugitiva luz do crepusculo que precede as trevas, occupou-se o Sr. Ottoni com o estudo e paraphrase dos *Livros Santos*.

Nós lhe devemos a elegante traducção do *Stabat Mater*, do *Miserere* e de mais algumas outras poesias ligeiras, que tem sido publicadas na Tribuna Catholica....

«O que, porém, constitue a sua maior gloria, o seu maior merecimento poetico, é a bella traducção dos *Proverbios de Salomão*, que veio á luz em 1815....

Animado pela geral satisfação, que a sua obra encontrou, entregou-se o nosso poeta a versão, ou antes á paraphrase do *Livro de Job*....

Recusou-se de publical-o durante a sua vida.

Esta honra não estava reservada, graças á bondade do Ilmo Sr Theophilo Benedicto Ottoni, sobrinho do illustre poeta, que confiou-nos o manuscrito da traducção do *Livro de Job*, que ora damos ao prelo. (a)

Nasceu José Eloy Ottoni, no 1.º de dezembro de 1764 na villa do Príncipe.

Filho legitimo de Manoel Vieira Ottoni e d. Anna Felisarda Paes Leme.

José Eloy descendia pelo lado paterno de Jorge Benedicto Ottoni e de seu pae Manoel Antão Ottoni, que, em principio do seculo passado, foragido de Genova, se azylara em Portugal, e que depois de 15 annos de residencia em Lisboa obtivera honrosa carta de naturalisação, com data de 7 de dezembro de 1723, registrada em 12 de julho de 1727 no Senado da Camara da cidade de S. Paulo, para onde se transportava a familia Ottoni.

Pelo lado materno descendia de João Gomes de Abreu Rego, natural de Braga, e de sua mulher d. Rita de Godoy Moreira, natural de S. Paulo.

Tendo cursado com louvor a aula de latinidade, no arraial de Tejuco, e no Collegio de Cattas Altas, então muito afamado, e onde o Director, ouvindo a sua 1.ª lição, o tomou por collega no Magisterio, José Eloy, ainda adolescente, ponde viajar e instruir-se na Patria das lettras e berço de seus antepassados.

Foi sob o céo risonho da Italia, que desabrocharam os talentos e genio poetico do joven, do qual nos occupamos...

Profundo conhecedor da latinidade, quiz ensaiar-se na metrificacão, estudando nos proprios lugares as bellas descripções de Virgilio, e vertendo as *Georgicas* em verso portuguez, correcto.

Infelizmente deste, como de outros trabalhos seus, não resta vestigio.

Voltando por Lisboa á sua terra natal, o joven Ottoni, accoitou na falta de outro meio de vida, a cadeira de latim da Villa de Bom Sucesso, hoje cidade de Minas Novas.

Assim decorreram os annos.

Rico de sciencia, com uma imaginação poetica vivissima, conscio do proprio merito, José Eloy não podia deixar de aspirar a um theatro mais condigno de seus talentos.

Regressou, pois, a Lisboa, onde viveu vida de poeta e de pretendente.

Entre as inspirações das musas, foi muito tempo, companheiro inseparavel de Bressani e Bocage.

(a) Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro Job. Rio de Janeiro, 1822. Typog. Braillense.

Occupado com as musas, pedia o poeta sua subsistencia as bellas lettras; e a um curso de Rhetorica que abriu em Lisboa concorriam, não só numerosos discipulos como tambem constantemente um auditorio escolhido de litteratos, amigos e admiradores que vinham recrear o espirito, ouvindo as suas lições de eloquencia.

No acto da invasão franceza, era José Eloy Ottoni Secretario da embaixada portugueza em Madrid, e presentindo que o Conde de Ega, enviado extraordinario, cedia a suggestões anti-nacionaes, cortou por todas as considerações e retirou-se para o Brasil.

Veio de novo viver a triste vida de pretendente, sem nada poder obter...

Acolhido com friosa pelo principe Regente, saudoso da bella sociedade que deixara além do Atlantico, entregou-se ao estudo da Escripura Santa, traduziu e paraphraseou muitos psalms da Egreja, e compoz cantigas e versos devotos, hoje vulgarisados pela *Tribuna Catholica*.

No fim da vida, pouco antes de ser necessario que o Juiz de Orphãos da Corte lhe nomeasse curador, fez o poeta medonho auto de fé de todas as poezias que lhe aprouve chamar profanar, e as reduziu a cinzas.

Restam, pois, na memoria de algumas pessoas da intimidade, ao fragmentos de innumerables composições amorosas e satyricas, cujos originaes foram pela mão do auctor entregue as chammas.

Em 1811 passou-se a Bahia, onde, por alguns annos, rezidio em casa do conde dos Arcos.

La publicou, em 1815, a traducção dos *Proverbios de Salomão*, obra que logo se vulgarizou nas escolas de primeiras lettras da Provincia de Minas, porque foi protegida e oficialmente recommendada pelo ultimo Capitão general, o integerrimo D. Manoel de Portugal e Castro.

Na Prefacção do seu interessante livro diz José Eloy: «Eu não conheço um codigo de Moral tão puro como os *Proverbios de Salomão*; em Ethica é tudo quanto os homens de todos os seculos puderam descobrir de mais justo, mais santo e mais necessario».

E' n'um dos capitulos dos *Proverbios*—que vem o tão fallado texto: *Per me reger regnant* o qual traduzido como o sayillismo o traduzio—o poder dos reis vem de Deus, foi a origem desse devaneio que a Europa chama legitimidade.

Sem se afastar um apice do sentido rigoroso da Escripura, a *paraphrase dos Proverbios* torna patente que para derivar de tal fonte a doutrina utramontana de que—o poder dos reis vem de Deus—foi mister recorrer-se a mais de uma fraude piedosa.

Porquanto, não somente se destacaram aquellas palavras de um corpo geral de doutrina, que toda se resume assim—«a sabedoria é a regra de bem proceder para todas as idades, estados e condigões»—

como além disso subentendeu-se que o —me—do fragmento subtraído era alli prónimo de Deo, quando somente o é de—sapientia.

....*Peo me reger regnant.* E' só pela sabedoria que os reis podem governar.

....No tempo da publicação dos *Proverbios* já José Eloy Ottoni se occupava seriamente com a traducção do *Livro de Job*.

A fé religiosa, quando sincera, andam inseparavelmente unidas ao sentimento da humanidade.

José Eloy tinha verdadeiro amor ao proximo, e não cessava de manifestar em suas poezias.

Citarei, para exemplo, uma *Ode* em que tomando por epigrapho os versos do Virgilio:—*Quid non mortalia pectora cogis, auri sacia fames!* estigmatiza os costumes dos senhores de escravos, lamentando que sacrificuem:

A' sacrilega fome do dinheiro
O resto desgraçado,
Da trahida veneral humanidade
O misero Africano.

E depois de escrever os penosos trabalhos do escravo na mineração, quando:

Sob alçapões de ruina
Metalico vapor, sulfureo bafo
Os bronchios lhe dilata;

exprime nos seguintes versos o seu horror a escravidão:

Em vão se esforça a natureza e grita,
Em vão repugna e brama,
As leis communs da humanidade, os santos
Inviolaveis direitos
Que prescreve aos mortaes a liberdade,
Em vão, em vão repugnão;
A cina mão da força, o fraudulento
Espectro da maldade
Embaça a luz, e prostitue os entes
Do livre raciocinio.

O dia 26 de Fevereiro de 1821 achou o nosso poeta occupado em lucubrações como aquellas do que acabei de dar noticia.

No justo enthusiasmo de que se achou possuido por tão transcendente acontecimento, foi José Eloy ao theatro, e em presença do sr. D. João 6.º e da Côrte, repetio este bello soneto:

Portuguezes! A nuvem tenebrosa
Que offuscava a razão desaparece,
Desfez-se o calor que a discordia tece:
Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progenia maculosa
Baqueando em soluços estremece,
A justiça dos ceos ao throno desce,
Marcando os faustos á nação briosa.

Syria, berço de heroes! Oh! Syria aberta!
Cumpra que os ferros o Brasil arroje,
Seguindo o impulso que a razão despeita.

A expressão de terror desmaia e foge,
Graças a invicta mão que nos liberta:
Escravos hontem, sois Romanos hoje!

E' facil avaliar a sensação que no dia 26 de Fevereiro de 1821 produziram em o auditorio do theatro de S. João, tão patrioticos o inspirados versos!

El-Rei sentindo-se offendido com o fecho do Soneto, não se poudo conter e bradou: «Escravos, não! Vassallos.»—

Pelor, peor!... replicou o auditorio.

Assim o soneto de José Eloy Ottoni, contra a intenção do seu autor, foi occasião de serio conflicto entre o rei velho, do seu camarim, e da platéa, o povo, verdadeiro soberano, que naquelle dia recobrava seus inauferviveis direitos.

Teve lugar nesse anno a eleição dos 20 deputados por Minas para as Côrtes, e José Eloy Ottoni foi um dos nomeados pelo grande collegio eleitoral da provincia, que reunido em Villa Rica, na forma da lei, abi installou o primeiro governo provisório de Minas.

O soneto de 26 de Fevereiro foi a proffissão de fé que fez triumphar a candidatura de José Eloy, e lias tambem recommendada pelo calor das opiniões liberaes, que patenteou no collegio seu irmão Jorge Benedicto Ottoni propondo e conseguindo que effectivamente se demolisse o padrão de supposta infamia levantado em 1791 sobre as minas da casa arazada do patriota Tiradentes.

O diploma de José Eloy Ottoni não chegou a tempo de que elle tomasse assento nas Côrtes...

Foi por falta de meios pecuniarios que José Eloy Ottoni demorou até 1825 o seu regresso ao Brazil, mas sandou Lisboa a independencia em lindas poezias, e notadamente em uma serie de quadrilhas gloriando o mote—*Viva a Bella Brasileira*—com referencia á bandeira auri-verde que tremulara quasi nas aguas do Tejo, içada a bordo da fragata Nietheroy, commandada pelo distincto e valoroso Taylor.

Mais de 20 annos de vida de pretendente, tinham-se passado antes de obter o nosso poeta um meio honesto de subsistencia fixo...

Logo que lho permitirão os recursos da sua bolsa (tendo sido nomeado official de secretaria da marinha, depois de um memoria justificativo do seu Seneto de 26 de Fevereiro) José Eloy Ottoni estabeleceu diversas pensões mensaes as familias pobres, e no dia primeiro de cada mez era exatissimo no pagamento dessa benefica divida.

Ocupava-se em exercícios quotidianos de devoção, e no estudo e paraphrase da Escripura Sagrada.

Monarchista quanto a forma, era José Eloy Ottoni republicano pela suas virtudes e simplicidades de costumes.

O seu desapego de todas as distincções que traz consigo, a monarchia era tal que, cabendo-lhe o habito de Christo, como official de Secretaria, renunciou a graça em seu filho

E, não obstante, não foi menos grato do que Virgilio, a mão que lhe dera arrimo para a velhice, nem deixou de exclamar muitas vezes na linguagem das Muzas:

Oh! Meliba, Deus nobis hoc otia fecit.

Depois do seu despacho para a Secretaria, algumas vezes apparecia nas audiencias imperiaes, nunca mais para solitar, sinão para mostrar a sua gratidão.

Conquistou a estima do Sr. D. Pedro I, que por vezes lhe fez a honra de escrever do proprio punho dando assumpto de poezias que lhe encomendava, e que ião sempre a seu gosto.

Tal foi o pedido, do distico latino, commemorado, ha di.s, num jornal desta Côte, a acerca do qual, deu se o seguinte: o fallecido Senador Gomide offerecera para um retrato do Imperador este distico.

*Brisillæ salvator adest hic maximus heros
Eterno Petrus nomine notus erit.*

«Sr. José Eloy, (escreve o Sr. D. Pedro), Gomide deu me esses versos para inscrever num meu retrato, mas acho-lhes muitos palavras, e quero um distico seu.»

A resposta foram estes dous versinhos:

*Effigies vera loquitur, cum facta loquuntur
Consule Brasiliam Petrus ubique sonat.*

E os entendedores decidirão entre as duas composições.

Nas festas do casamento imperial, em 1829, mandou S. M. pedir ao seu poeta favorito versos sobre a tão fallada rosa, que originou a ordem da Rosa, especificou igualmente a exigencia de um versinho portuguez para cada quadro que figurava nas diversas faces de uma columna elevada no Rocío, rodeada pela parte superior de um listão com as estrellas das armas nacionaes.

E' excusado dizer que o poeta condescendeu com o desejo imperial em todas as suas partes.

Um dos quadros da columna do Rocío representava a cidade de Olinda e tinha esta inscripção dada por José Eloy:

Com estrellas do Cruzeiro
Quando assim te identificas!
Tu ganhas novo esplendor,
Olinda, mais linda ficas.

«A monotona existencia dos ultimos 26 annos da vida do nosso poeta dão pouco assumpto ao seu historiador, para entrar em maiores desenvolvimentos.

E, demais, ousou lisongear-me de ter escripto quanto e sufficiente para demonstrar que o Brazil perdeu, no dia 3 de Outubro de 1851, um filho que honrou a sua patria.»

Transcrevemos, em seguida, uma opistola, que, só por si bastava para demonstrar o grande merecimento litterario e poetico do nosso tão justamente afamado conterraneo.

O seu digno historiador, estampando-a diz que, em seu parecer ella justificava o juizo de um illustrado critico, o espirituoso e suave traductor de Ernani, o qual, escrevendo uma noticia fugitiva sobre a vida e talentos de José Eloy Ottoni, entendeu que, em poezias de amor, nunca houve poeta mais terno, e que soubesse convencer com mais philosophia e ternura que os sexos nasceram para se amarem.

Epistola

Soprando a chamma do aquecido engenho
Desprende o vate a suppressida penna
Da força occulta que lhe tolhe o rasgo;
Não teme o vento erguidor, não teme
A nuvem grossa que trovão despeja;
Transpondo o espaço, que as ideias obsta,
Navega afouto sobre o livre espaço.
Não cuides, Lilia, que eu avance ousado
Alem da meta circumscripta aos vates,
Da patria amigo, o cidadão respeito,
Respeito os reis, a religião, o estado;
Quando cheio de Apollo as nuvens mando
Meus pobres versos, da desgraça filhos,
O mesmo Numen, que os inspira e move,
Bafeja, e manda que inspirados devam
Partir de um ponto, que no centro e' fixo.
Salvando o golphão que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d'infeção, seguro
Do bafio crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastam,
—Eu amo, ó Lilia, e si amor o' culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama;
Não zombe o sabio de me ouvir attenda,
Escuta o sabio a voz da natureza,
As plantas vivem, porque as plantas amam;
Ao tronco vindas, quando os olmos brotam,
Brotam as verdes trapadeiras heras,
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o collo, e demandando as nuvens,

A palmeira recebe, acolhe, afaga
 Suspiros ternos que a saudade envia
 No bafe meigo do amador distante.
 Si o fido esposo que de longe exhala
 O succo ethereo, que vegeta o nutre
 Cedendo a força mal fazeja expira,
 A esposa, logo que a exhalar começa,
 Do fluido exausto e deprimido aberto,
 Sequiosa pergunta affavel pede
 Noticia ao vento, que lhe nega e foge;
 Não vive a esposa quando o esposo acaba,
 Perdendo a força nutritiva, perde
 O vigor da união que enlaça e prende :
 E do espaço chorando a perda infausta,
 Convulsa treme, solitaria morre.
 Reflete, ó Lilia, nos purpureos gommos
 Fecunda prole do virgineo fogo,
 Que accende o pejo da engraçada Flora,
 Vê, como a força vegetal rebenta.
 Da florifera Venus, do engraçado
 Formoso Adonis, que em consorcio unidos
 Prestavam firmes os solemnes votos,
 Que exige a prole de Criações amores,
 Depois que a tocha nupcial accende,
 O purpero Hymineo da vida ás flores,
 Acode aos gommos e rebenta o germen,
 Não para o fluido, os filamentos incham,
 Rebenta o calix, e os amantes soltam
 Do peito o aroma que perfume os ares.
 Oh! santa, oh! justa, oh! sabia natureza!
 Como é possível desligar-se um ente,
 Que a mesma especie de outro ente é unido?
 Os volateis no ceo, no mar os peixes,
 O pequeno reptil, o insecto informe,
 Os entes do universo... ou nada existe,
 Ou cada especie á sua especie é unida.
 E si um ente mais nobre existe o homem,
 Si uma hydraulica mais sublime o nutre,
 Que efficaz attracção, que força activa
 Dispõe de um ente, que o autor dos entes
 Manda que impere aos entes do Universo,
 Não por orgulho, sim por excellectia.
 De um principio, que move, anima e nutre!

Os dous seguintes Sonetos que dirigiu de Lisboa a sua Senhora e
 a seus dous filhinhos, são o espelho de sua alma :

1º

Sonhei, Marilia, que contigo estava,
 Que o tenro Honorio alegre me dizia :
 «Meu pae!» apenas este nome ouvia,
 Suspenso nos meus abraços o apertava.

Que a pequena Edwiges reparava
 No meu semblante; como que sorria:
 Que os braços amorosa me estendia,
 E que eu chorando as faces lho beijava.

Antes, Marilia, o sonho eu não tivera!
 Nos braços da saudade despertara,
 Porem, dor tão pungente não soffrera :

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhara,
 Pois passando de um gozo ao que não era,
 Sem filhos, sem Marilia, não me achara.

2º

Marilia! mal formados caracteres
 Apenas eu te envio; aos patrios lares
 Uma copia das de meus pezares,
 Um retrato de meus fiéis deveres.

Vae, oh! carta feliz, não consideres
 Que tem de atravessar soberbos mares!
 E quando o paço de Marilia entrares
 Beija-lhe a mão formosa si puderes.

De mim talvez, Marilia, se condoa...
 Dize-lhe! —eu venho do formoso Tejo,
 Dize-lhe... oh! dor!... eu de Lisboa!

Quanto, oh! carta feliz, quanto te invejo!...
 Vae... arranca-lhe um ai magoado... Voa
 Nas brancas azas de um feliz desejo.

.....

O nosso poeta Maciel Monteiro (barão de Itamaracá) egualou e
 por vezes excedeu a Bocage nos sonetos e improvisos.

...Uma vez (aventuras do poeta) subindo uma escada, encontrou
 a deusa de seus pensamentos.

Pedia-lhe em verso espontaneo :

Deixa beijar-te, meu bem? — ao que ella respondeu :
 — Glose —. Fitou-a um instante e disse :

Suspende, Annalia divina,
 De teu recato o pudor!
 Não beija Zephyro a flor?
 Não beija a Aurora a bonina?
 Quando o sol meigo se inclina,
 Não beija as ondas tambem?
 Si ao terno pombo convem
 Beija a rôla innocente,
 Si a natureza o consente
 Deixa beijar-te, meu bem!

O Sorocabano (folha de S. Paulo) que isso publicou, foi mal informado, diz a *Reforma do Rio* em seu n. de 15 de Abril de 1870:

O mimoso improviso que transcreveu, não pertence ao barão de Itamaracá, mas a José Eloy Ottoni.

Dil-o uma tradição de mais de quarenta' annos, na família do poeta Mineiro.

O seu a seu dono.

José Eloy Ottoni abraçado com a harpa do santuario, passou as suas horas de repouso na doce vida de ecoar as sublimidades de Job, como Caliasa do som da voz que applicava as fúrias do mau espirito no desgraçado Saul.

(M. de A. Porto Alegre—*Revista Trimensal*—Tomo 15, pag. 532.)

O merito subido do poeta brasileiro José Eloy Ottoni já era conhecido antes da sua morte.

O Livro do Job por elle traduzido em verso, é um florão novo que vem prender-se a corda, que elle brilhantemente conquistara com a bella traducção que fez dos Proverbios de Solomão.

As nações escoltam-se, e fulguram como o esplendor do genio de seus filhos, e sempre que honram a memoria de seus grandes poetas, nobilitam-se e engrandecem aos olhos da humanidade.

José Eloy Ottoni é um desses homens, que tem o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria.

(D.º Joaquim Manoel de Macedo—*Revista Trimensal*—Tomo 18, a pagina 23—Supplem.—Anno 1855.)

FREI JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (*)

(N. em 1742 — M. em 1811)

Não so da França nos patricios lares
Ouvi contento resoar teus vivas.

Bocage.

O homem de eximiar virtudes, ou de grandes talentos, diz M. Thomaz (**), tem direito a nossa homenagem e respeito, embora a Natureza o haja collocado em paiz tão distante, donde não possa immediatamente influir sobre a nossa felicidade.

O fundamento com que lhe devemos tributar veneração é a gloria que os homens de intelligencia não vulgar esparzem sobre seus semelhantes, e a carencia que temos de sua coadjuvação, affim de sobrepujarmos a nossa franqueza.

Mas, si nascido entre nós, ou fixado por escolha em nossa patria esse homem preste relevantes serviços ao Estado por suas luzes; si o ornou por suas virtudes exemplares, então o reconhecimento nos impõe um dever sagrado de lhe outorgarmos signaes de veneração, e força é que assim o pratiquemos, pois que o interesse do genero humano o exige e reclama.

Este é o motivo porque todas as nações cultas tem feito sempre os esforços possiveis para eternisarem a memoria d'aquelles que as honraram por serem os homens de genio e de talento em todo genero os mais bellos florões da corda da patria.

Este tambem o motivo porque a Terra de Santa Cruz, agora que convergindo como em foco as luzes derramadas por todo o globo, faz esforços coroados do successo por expellir de seu seio os ultimos vestigios de um indifferentismo já reprehensivel:...

Neste momento o Brasil acaba de ver uma reunião de individuos amantes de seu paiz, ajuntarem-se sobre a immediata protecção do

(*) Elogio Historico pelo segundo Secretario do Instituto Manoel Ferreira Lagos, publicado na *Revista Trimensal*—Supplemento ao Tomo 2.º, a pag. 40.

(**) Eloge historique de Maurice, comte de Saxe.